
Q AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

OPID. MET. IV.

QUARTA FEIRA 22 DE SETEMBRO DE 1830.

Canto IV.

A MULHER VELHA.

De tua lyra, ó Musa, tange as cordas,
 Porém mais brandamente. Que teus cantos
 Solitarios respirem d'ora em diante
 Doce melancolia, paz amena,
 Dos turbilhões do mundo apartamento.
 Como os dias do Outono, quando á terra
 Descem, do estio o resplendor não mostram;
 Mas inda assim o Ceo de pardas nuvens
 Coberto, que do Sol a face encobrem,
 De bellezas não é destituido.
 Cheia de reflexão e gravidade
 Parece a natureza concentrar-se:
 Taes d'idosa mulher os dias passam,
 Castos dias. As lagrimas não regão
 Mais de recente dôr do espozô as cinzas:

Melancolicas mais tranquillas nuvens
 Se espalhão sobre o resto de seus dias.
 De argentados anneis a veneranda
 Cabeça é já coberta. O voraz tempo
 Os restos da belleza lhe conserva.
 Em torno d'ella reina asseio e ordem;
 O aspecto da velhice assim adoça.
 Luto em segredo ainda pelo esposo
 Traz em vestido simples, e modesto.
 Do tumulto do mundo separada
 A' multidão a sua vida occulta
 D'insensatos prazeres, companhias
 Frivolas, e vaidosos apparatus.
 Nunca a censura a vio do jogo á meza
 Presidir, ou nocturnas assembléas,
 Onde tanta velhice se deshonra.
 Na paz, na solidão seus dias passa.
 Maridos dão á muito a suas filhas:
 De seus filhos há muito vio os filhos.
 Coberta de riquezas sua casa
 De paz goza profunda. Lá não se ouvem
 As calumnias piedosas dos hypocritas;
 Não se ouve em sua casa a voz faustosa
 Do devoto, que ao Ceo rende homenagens]
 Preside á noute magestosa, e grave,
 Entre seus netos, e por seu exemplo
 Principios de virtude lhes inspira.
 Das idades a historia conhecendo,
 Como fazél-a interessante sabe.
 Quanto mais conta, tanto mais se aperta
 Em torno d'ella o circulo dos netos,
 E as palavras deyra, que profere:

Até que meia noute desce a terra,
E sobre os olhos seus lhes peza o somno.

Familiar á morte, do futuro
Occupada, muitas vezes implora
O Ente Supremo, e com piedoso esp'rito
Os templos dos Christãos ella visita.
Em longa experiencia muitos annos,
Passar vio; que porém não forão todos
Pelo prazer marcados. Todavia
O seu mesmo infórtunio a fez mais sabia.
Ella é orac'ulo dos visinhos todos.
De verdura a mais fresca tapetados
Estão sempre seus prados; das mais ricas
Searas os seus campos são cobertos:
Nas risonhas collinas dobrão sevas
Com o pezo das uvas; pois que teme
O Senhor, e Senhor ouve seus votos.

Da amada companheira muitas vezes
O terno esposo a salvação lhe deve:
Ella, que á dôr succumbe n'essa noute,
Oh noute de tristeza! que nem sente
De ser chamada mãe, doce ventura,
Auxilios e consolações recebe.
A' joyen sabe dar sabios conselhos
Nos cuidados da casa inexp'riente,
C'os negocios domesticos afflicta.
Na amiga casa esta mulher prudente
A ordem introduz, e bem depressa
A amiga caza toma nova face.
Agora mal apenas raia o dia

Já partem os cavallos para os campos. (*)
 Enchem de novo os empoados fuzos
 Diligentes criadas ; os vizinhos
 Vergeis cobrem tecidos resplandecentes.
 A custo sustentando o leite voltão
 Os rebanhos do pasto. O pegureiro,
 Mais fiel , resoar faz a tesoura ;
 E de preciosa lã enche cantando
 Os vastos armazens. Grandes celeiros
 Gemem c'o pezo do doirado trigo.
 Do ocio á morada assim traz o trabalho,
 E n'ella faz reinar industria e ordem.

Não se oxidão fexados seus thesouros ;
 Sustenta ella com elles a indigencia.
 De modestia e belleza uma donzella.

(*) Não podendo entender este verso , fui pergun-
 tar a um vesinho meu, para que hião os cavallos para o
 campo tão de madrugada ? Que me havia responder el-
 le. — Vão fazer o mesmo , que aqui fazem os nossos ne-
 gros ; prepararem a terra para poder ser semeada. —
 Ora essa não está má ! pois como pegão elles nas en-
 chadas ? — Não são enchadas : é um arado, ou charrua,
 que puxado por dous cavallos, faz tanto em um dia,
 como vinte negros. — Não pude deixar de dar uma gar-
 galhada, admirando estes meus Senhores que vem lá da
 Europa, que nos querem encaixar quanta peta lhes vem
 á cabeça : e em especial o tal meu vesinho, que com
 tudo tem labias, em principiando a fallar, parece um
 livro.

DO TRADUCTOR.

Dotada vio , porém é desgraçada :
 Do rico seductor póde ser preza :
 Recebe-a em sua casa , é sua filha :
 Com dote a entrega a um ómem virtuoso ,
 Que de sua ventura lhe dá graças.
 Indigencia modesta encontrar sabe ,
 Que se occulta porém , que chora misera !
 Dos mendigos a tira da vergonha :
 A viva gratidão quem seja ignora.
 Por taes acções os dias seus corôa.

No silencio da noute muitas vezes ,
 Quando sua alma passa além dos tumulos ,
 Quando na eternidade attenta pensa ,
 Extasiada , os Serafins , que a chamão ,
 Ouve nos Ceos. Tambem vê-lhe parece
 De seu esposo a sombra , rodeada
 De uma luz immortal , que a precedera
 Nos eternos caminhos ; e que a s'poza
 Convida a gosar dos jardins celestes.
 O coração lhe salta , e bem depressa
 Sobre o leito da morte a frente inclina :
 E' d'alí , que prediz fatal instante.
 Em torno de seu leito as filhas chorão :
 Aos pés estão sentados os seus filhos ,
 Que ornamento soberbo são do Estado :
 As mãos com suas lagrimas lhe banhão.
 Em torno ao travesseiro vê seus netos.
 E criados fieis na dôr immerios.
 Então reanima as derradeiras forças ,
 Levanta a mão , a todos abençôa.
 Serena vê chegar da morte o Anjo ,

Que vem buscal-a ; e não o cré terrivel,
 Sua alma docil da materia foge ;
 Segue seu conductor além dos astros ;
 A' celeste milícia ali se junta ,
 Que a conduz em triumpho ao throno eterno,
 O brilhante diadema a recompensa.
 Na cidade retinem tristes vozes :
 Dos meninos ao pranto se mistura
 O dos pobres e orfãos. Gême o sino
 Entre as sombras da noute. Negro carra
 D'um cortejo seguido luctuoso
 P'ra a sepultura lentamente roda.
 Rec be em fim o tumulo seu corpo ,
 Não perece porém sua memoria.
 Seus louvores não diz soberba pedra ;
 Mas os corações todos os pregoão ,
 E n'elles vivirá eternamente.



DIALOGO DE SYLLA E EUCRATES.

Alguns dias depois de Sylla se ter demittido da dictadura , dissêrão-me que a reputação , que eu adquirira entre os philosophos , lhe inspirára o desejo de vêr-me. Procurei-o na sua casa de *Tibur* , onde elle estava gozando dos primeiros pacificos instantes da sua vida. Ao vê-lo , não succumbi ao tremor , que de ordinario de nós se apodera na presença dos ómens grandes. Assim que ficamos sós : “ Sylla , lhe disse eu , e viestes vós mesmo procurar este estado de mediocridade , que mortifica a

quasi todos os humanos ! Como podestes renunciar ao imperio , que sobre todos os ómens vos davão vossa gloria , vossas virtudes ? A fortuna parece resentir-se de não poder mais elevar-vos ás honras. —

— Eucratès, respondeo-me elle, se hoje não figuro mais na scena do universo, não me crimineis a mim, imputai toda a culpa á limitação das cousas humanas. No momento, em que se acabáão para mim empregos importantes, em que não vi mais em que dignamente occupar-me, achou-se preenchido o meu destino : eu não nasci para governar em socego e na ociosidade um povo escravo. Era grande o prazer, que eu tinha em ganhar victorias, em crear ou destruir Estados, em contrahir allianças e punir um usurpador ; mas pelo que respeita a esses insignificantes manejos do governo, em que tanto brillão os genios mediocres, nunca pude prestar-lhes a mais leve attenção ; eu daria por perdido o tempo que empregasse em presidir á lenta execução das leis, eu me envergonharia de estar á testa de um exercito adormecido nos braços da paz. —

— E' muito para admirar, disse eu, que medísseis com tanta delicadeza os vãos da ambição. Tem havido, é verdade, grandes ómens pouco sensiveis ao esplendor da pompa, que rodêa aquelles que governão ; mas, bem poucos são os que não tenham cedido ao prazer de governar, de obrigar a seu capricho o respeito, que só ás leis é devido. —

— E eu, respondee-me elle, nunca me senti tão pouco satisfeito, como quando me vi senhor absoluto de

Roma, e que olhando em torno de mim, não descobri rivales nem inimigos.

Imaginéi que a posteridade poderia accusar-me de não ter feito mais do que castigar escravos. Queres tu, disse eu então comigo mesmo, queres tu que na tua patria não haja mais ómens, que possam ter ciumes da tua gloria? E quando estabeleces a tyrannia, não vês que não haverá um só principe, por muito fraco que elle seja, a quem a lisonja não ponha em parallelo contigo, a quem não condecure com teu nome, a quem não preste teus titulos, e até mesmo tuas virtudes? —

— Senhor, vós confundis minhas idéas; o vosso modo de pensar, sendo tal como m'o manifestaes, vem mudar totalmente o conceito, que eu até hoje fazia de vós. Eu pensava que ereis ambicioso, sem ter amor algum á gloria: eu bem via que a vossa alma era altiva; porém nunca presumi que ella fôsse grande: todos os actos da vossa vida vos representavão a meus olhos um ómém devorado pelo desejo de commandar, que possuido das mais funestas paixões, com prazer acarretava sobre si a vergonha, a baixeza, e os remorsos, que andão annexos á tyrannia. E na verdade, vós sacrificastes tudo ao vosso poder; tornastes-vos formidavel a todos os Romanos; exercestes sem piedade as funcções damais terrivel de todas as magistraturas. Foi tremendo e estupefacto que o Senado vio em vós um defensor tão cruel. De certo alguém vos disse: *Sylla, quando é que deixarás de derramar o sangue Romano? Queres tu governar, dictar a lei só a muralhas?* E foi então que publicastes essas taboas, que decidirão da vida e da morte de cada cidadão. —

— Pois foi justamente todo o sangue, que fiz correr, que me proporcionou os meios de obrar a maior, e mais sublime de todas as minhas acções. Se eu tivesse governado os Romanos com doçura, que muito fôra para admirar que o enfado, o desgosto, que um capricho enfim me induzisse a largar as redêas do governo! Eu abdiquei a dictadura sim, mas vêde que foi no tempo, em que no universo não havia um só ómem que não pensasse que a dictadura era a unica ancora da minha salvação. Apresentei-me aos Romanos, cidadão no meio de meus concidadãos, e ousei dizer-lhes: Eu estou prompto a dar conta de todo o sangue, que derramei pela Republica; eu responderei a todos aquelles, que vierem pedir-me, seu pai, seu filho, ou seu irmão: Ningtem se atreva a romper o silencio, todos os Romanos se calarão na minha presença. —

— Pois eu reputo bem imprudente essa acção, que achais tão bella. É verdade que tendes a vosso favor o novo assombro, em que lançastes os Romanos. Mas, como os arrojastes a fallar-lhes de vossas injustiças, a querer para vossos juizes os povos de quem tanto deverieis recear a vingança?

Ainda quando todas as vossas acções não tivessem passado de severas, assim parecerião em quanto fosseis o senhor absoluto; mas, ellas se tornarião em outros tantos crimes horrosos no momento, que deixasseis de sêllo. —

— Vós chamais crimes, me disse elle, ao que causou todo o bem da Republica? Quererieis, que eu visse com indifferença os Senadores atraçoar o Senado a prol d'esse povo, que imaginando que deve a liberdade ser tão

illimitada como póde sêllo a escravidão, procurava abolir de todo a magistratura?

Aperreado pelas leis e pela gravidade do Senado, o povo forcejou sempre por destruir as leis e o Senado. Mas, aquelle que se sentir com ambição bastante para servillo contra o Senado e as leis, tambem poderá, sempre que queira, impôr-lhe o jugo. Assim acabárão tantas Republicas na Grecia e na Italia.

Para prevenir uma igual desgraça, vio-se o Senado sempre obrigado a distrahir na guerra este povo indocil, o qual bem contra sua vontade, marchou a devastar a terra, e a conquistar esse grande numero de Nações, cuja obediencia tanto nos encommoda. Qual seria o destino da Republica, hoje que o universo não tem mais inimigos para dar-nos? Acaso poderia nunca o Senado, sem o meu apoio, fazer com que o povo, no seu cego furor pela liberdade, não dobrasse o collo ao jugo de Mario, ou do primeiro tyranno, que o enganasse, promettendo-lhe a independencia.

Os deoses dêrão á maior parte dos ómens uma sordida ambição, ligárão á liberdade tantas desgraças quasi como á escravidão. Todavia, por muito grande que seja o preço, que os deoses exijão por esta nobre liberdade, é preciso pagar-lh'o todo.

O mar devora navios, submerge paizes inteiros; e com tudo isso do mar é util aos humanos.

A posteridade interporá o seu juizo sobre aquillo, que Roma não se atreveo ainda a examinar; ella co-

nhecerá talvez que eu não fiz correr todo o sangue preciso, e que nem todos os partidistas de Mario fôrão proscritos —

Continuar-se-há.

ANEDOCTAS.

Um imperador da China, perseguido pelas victoriosas armas de um cidadão, quiz valer-se do cego respeito, que n'aquelle paiz um filho cousagra ás ordens de sua mãe, a fim de forçallo por esse meio a embainhar a espada: e envia á mãe d'aquelle cidadão um official, o qual, apresentando-lhe um punhal ao peito, lhe diz que nada lhe resta a escolher entre a morte e uma prompta obediencia " Acaso cuidarás teu amo, " responde-lhe ella com um sorriso sardonico, " que eu ignoro as convenções actuaes, mas sagradas, que ligão os povos aos soberanos, pelas quaes os povos se obrigão a obedecer, e os reis a tornallos felizes? Foi elle quem primeiro violou essas convenções. Vil executor das ordens de um tyranno, aprende de uma mulher o que n'um tal caso exige o amor da patria. " A estas palavras, arranca o punhal das mãos do official, e cravando-o no peito: " Escravo, " diz-lhe ella, " se ainda te resta alguma virtude, leva a meu filho este ferro ensanguentado; dize-lhe que vingue a nação; que puna o tyranno; que não póde já recear que do exacto cumprimento do seu dever me sobrevenha o menor damno; que nem uma contemplação o detenha; em fim, que não se affaste da estrada da virtude. "

— Uma mortal bemfazejo é a verdadeira imagem da Divindade, a qual quer sempre a felicidade dos ómens. Os Scythas, perseguidos por Alexandre até ao centro dos bosques, e rochedos, que habitavão, dissêrão áquelle conquistador, que queria passar por filho de Jupiter Ammon: *Tu não és um deos, pois que maltratas os ómens.*

— A Republica de Gênês, tendo provocado a indignação de Luiz XIV., vio-se na neccssidade de mandar á França, para se desculpar para com aquelle monarcha, o doge com quatro senadores, cousa que até então nunca acontecêra. Apresentou-se em Versailles, e com effeito vio a côrte do principe Francez em todo o seu esplendor: e perguntando-se-lhe o que lhe causava mais admiração, n'aquelle lugar encantado, respondeo: *E' o ver-me eu n'elle.*

No tempo, em que na França se maltratavão os protestantes, pedio um embaixador Inglez a Luiz XIV., que dêsse liberdade aos condemnados ás galês por motivo de religião. Respondeo-lhe o monarcha: “Que diria o rei de Grã-Bretanha, se eu lhe pedisse a soltura dos prezos de *Newgate*, (prizão de Londres, em que se mette os malfeitores.)”, “Senhor”, replicou o embaixador, “o rei, meu amo, os soltaria, se V. M. os reclamasse como seus irmãos”,

— Entra um criado todo tremulo de susto no gabinete do sabio Budé, e dá-lhe parte que pegou fogo na caza. Budé, que estava meditando nos livros, responde muito a sangue frio: “Pois váe dizer isso a minha mulher: tu bem sabes que eu não me metto no governo da caza.”